

# Concepção de partido marxista-leninista: contribuições teóricas e dilemas históricos

**César Alessandro Sagrillo Figueiredo**

Professor de Ciência Política  
Universidade Federal de Tocantins

### **Concepção de partido marxista-leninista: contribuições teóricas e dilemas históricos**

**Resumo:** O presente artigo analisa a contribuição específica de Lênin para o modelo partidário que se convencionou denominar posteriormente por partido marxista-leninista. O modelo dos partidos comunistas foi gestado no início do século XX, tendo como modelo paradigmático a III Internacional Comunista. Para a construção desse modelo, contudo, as ideias de Vladimir Lênin não foram as únicas referências. Depois de sua morte, o modelo absorveria outras influências que definiram seu modelo partidário, particularmente a de Stálin.

**Palavras-chave:** 1. Partidos comunistas; 2. Teoria leninista do partido; 3. Comunismo internacional

### **Marxist-Leninist Party Conception: Theoretical Contributions and Historical Dilemmas**

**Abstract:** This article analyzes Lenin's specific contribution to the partisan model that was later referred to as the Marxist-Leninist party. The model of communist parties was born at the beginning of the twentieth century, having as paradigmatic model the III Communist International. For the construction of this model, however, Vladimir Lenin's ideas were not the only references. After his death, the model would absorb other influences that defined his partisan model, particularly that of Stalin.

**Keywords:** 1. Communist Parties; 2. Leninist Party Theory; 3. International Communism

**E**ste artigo possui como objetivo examinar as contribuições de Vladimir Lênin para o modelo dos chamados partidos marxista-leninistas emergente ainda na primeira metade do século XX. Em Marx, a ideia de partido não estava, ainda, acabada; seu conceito de organização política encontrava-se diluído na ideia de luta de classes e dos círculos operários. Em seus escritos do cárcere, Gramsci notaria que “o conceito de organização em Marx ainda permanece preso aos seguintes elementos: organização profissional, conspiração secretas de pequenos grupos, organização jornalística” (2007, p. 119). Por este motivo, a formulação marxista mais bem acabada da organização política teria sido aquela contida nos escritos de Lênin, uma formulação em consonância com lutas empreendida concretamente: “No que concerne à configuração institucional-organizativa do poder político proletário, Lênin recuperou, quase que literalmente, todas as proposições marxianas referenciadas na experiência da Comuna de Paris” (FERNANDES, 2000, p. 182).

Para entender a contribuição de Lênin para uma teoria do partido político, é útil dividir seus escritos na seguinte cronologia: 1) período anterior à revolução de 1905; 2) período compreendido entre 1905 e 1917; e 3) período posterior à tomada de poder pelos bolcheviques. Ainda, a fim de buscar responder ao objetivo proposto cabe refinar a análise através dos seguintes tópicos: a) contribuições de Lênin para o conceito de partido; e, b) elaborações e mudanças realizadas em seu nome postumamente (depois de 1924). Este segundo item, por sua vez, é fundamental importância para compreendermos o “engessamento” progressivo de algumas das ideias contidas na elaboração leninista de partido. Este modelo na versão “engessada”, por sua vez, seria aquele adotado pelos inúmeros partidos comunistas ao redor do mundo.

## A gênese do pensamento leninista

O primeiro texto de Lênin importante para pensar o tema do partido político é o conhecido *Que Fazer?*, publicado em 1902. Apesar de tomado como obra referencial para a concepção leniniana de partido, este texto não representa uma síntese de sua concepção de partido uma vez que Lenin pretendia com ele apenas descrever necessidades específicas dos comunistas em relação à formação econômica, social e política da Rússia sob as contradições e limitações impostas pelo czarismo. Portanto, neste texto Lênin estava empenhado em delinear as tarefas de uma vanguarda política diante da opressão da autocracia russa que perseguia os socialdemocratas. Além disso, procurava diferenciar essa vanguarda da política *trade-unionista*, a qual considerava uma expressão da luta econômica e não da luta de classes: “a política *trade-unionista*, isto é, a aspiração comum a todos os operários a conseguir do Estado estas ou aquelas medidas susceptíveis e remediar os males inerentes à sua situação, mas que ainda não acabam com essa situação” (LÊNIN, 1979, p. 109-110).

Desta forma, Lênin esforçava-se para dar contorno a uma vanguarda revolucionária que se posicionasse além das questões específicas das lutas econômicas. Em sua interpretação do marxismo, Lênin considerava que a tomada de consciência pelo proletariado só poderia ser impulsionada *do exterior* dessas lutas: “A consciência política da classe não pode ser levada aos operários senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões” (*ibid.*, p. 135). Neste sentido, apontava para uma construção organizativa que pudesse estar “fora” da luta econômica com o intuito de, na medida do possível, imprimir um caráter político à mesma. Essa organização não poderia deixar de ser uma espécie de vanguarda organizada, formada por ativistas experientes e deveria ter, entre suas diretrizes, o objetivo de realizar uma consciência política mais avançada e propagandista.

Lênin aludia, então, à construção de uma organização revolucionária profissionalizada, com militantes empenhados na luta política e em clara distinção dos velhos círculos *trade-unionista*. Enfatizava, portanto, que esta organização deveria ter caráter clandestino, justamente em face da opressão desmedida da autocracia russa, ou seja, capaz de se defender da polícia política. Sob esta perspectiva cabia ao novo partido fazer a ligação do legal com o ilegal,

dos militantes profissionais com a camada mais esclarecida do proletariado, sem que estes militantes profissionais fossem descobertos ou apanhados pela repressão czarista. Assim, propunha construir um corpo unificado, compacto e orgânico do partido. No que diz respeito a delegação de poderes atribuída a um núcleo dirigente, Lênin enfatizava a importância da coesão deste grupo na consecução da tarefa revolucionária. Considerava este “centralismo” central no transcurso da luta:

“a concentração de todas as funções clandestinas nas mãos do menor número possível de revolucionários profissionais não significa, de maneira alguma, que estes últimos “pensarão por todos”, que a multidão não seja uma parte ativa no movimento. Pelo contrário, a multidão fará surgir do seu seio um número cada vez maior de revolucionários profissionais (...). A centralização das funções clandestinas da organização não implica, de maneira alguma, a centralização de todas as funções do movimento (...) A centralização das funções mais clandestinas pela organização dos revolucionários não debilitará, antes reforçará a amplitude e o conteúdo da atividade de uma grande quantidade de outras organizações destinadas ao grande público e, por consequência, o menos regulamentada e menos clandestina possível” (*ibid.*, p. 167-168).

Esta concepção de partido de vanguarda seria cristalizada como modelo partidário e difundida aos demais partidos como forma organizativa marxista-leninista, no contexto da III Internacional.<sup>1</sup> Também podemos ressaltar que esta concepção altamente centralizada de partido fomentou degenerações em relação ao pensamento original de Lenin e encontrou na União Soviética o ente propulsor e legitimador do novo modelo partidário.

Lênin compunha o Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), fundado em 1898. Em 1903, depois do II Congresso deste partido e em face do debate do texto *Que Fazer?*, o partido dividiu-se em bolcheviques, a “maioria”, liderados por Lênin e mencheviques, a “minoria” liderados por Julius Martov.

---

<sup>1</sup> Segundo Johnstone, “Diferentemente da Segunda Internacional, que tinha previsto e favorecido a formação em cada país de um único partido operário, que compreende-se todas as várias componentes socialistas, a Terceira Internacional – em suas vinte e uma condições para a admissão – insistia em ‘uma completa ruptura com o reformismo e as políticas ‘centrista’, e com os dirigentes que com elas se identificassem (...). Os velhos programas social-democratas deviam ser substituídos por outros, mais especificamente comunistas” (1988, p. 13).

Entre 1905 e 1907, contexto revolucionário, a orientação se desloca para a do partido-massa em virtude de uma maior liberdade política na Rússia: “No período da revolução de 1905-1907, o partido passou de poucos milhares de inscritos para mais de trinta mil (...), e alcançou depois o ponto culminante de quase 150 mil inscritos, representados no V Congresso, de maio de 1907” (JOHNSTONE, 1988, p. 33). Ou seja, o partido conseguiu atrair uma maior parcela de militância, resultado da flexibilidade tática partidária no período de maior abertura, apoiando inclusive a Duma.

Neste curso oscilante da política Russa entre a autocracia czarista autoritária e uma maior abertura política liberalizante e burguesa, o centralismo democrático equilibrava-se de maneira tênue no partido de Lênin. Obviamente que esta caracterização do centralismo era motivo de inúmeras rugas, não somente no interior do POSDR, como em outras organizações filiadas na II Internacional. A dualidade entre centralismo e democracia, contudo, começou a ser respondida em 1905, na Conferência de Tammerfors, ocasião em que, segundo Johnstone, o termo “centralismo democrático” apareceu pela primeira vez. Em 1906, Lênin formulou a definição tornada clássica de centralismo democrático:

“A resolução do CC é errada no conteúdo e entra em choque com o estatuto do partido. O princípio do centralismo democrático e da autonomia das instâncias periféricas significa precisamente plena liberdade de crítica em qualquer instância, na condição de que não viole a unidade na ação concreta, bem como a inadmissibilidade de qualquer crítica que prejudique ou dificulte a unidade em uma ação decidida pelo partido” (LENIN, 1961, p. 422).

Portanto, devemos realçar que o conceito de centralismo democrático torna-se de fundamental importância no léxico partidário comunista. Talvez, este seja um dos pontos que melhor representam a chamada estrutura leninista de partido e, também como já enfatizado, torna-se, conseqüentemente, um ponto nevrálgico de inúmeras polêmicas, justamente em face do delineamento da linha política mais adequada de que todos deveriam acatar no tocante da tática e da estratégia. Não obstante, Johnstone ponderava “todos os textos de Lênin sobre o partido (...) são extremamente específicos, na medida em que

abordem as específicas tarefas organizativas impostas pela situação política do momento” (1988, p. 18).

Ainda, no que tange às críticas acerca do modelo de centralismo-democrático proposto por Lenin, temos, um conceito bem mais apurado de Gramsci, desenvolvido num momento posterior, discutindo teoricamente o que é o centralismo democrático a partir da inspiração leninista e avançando em relação a ela para a compreensão do que seja, de fato, o centralismo democrático almejado pelos partidos comunistas:

“A ‘organização’ só pode ser a do centralismo democrático que é um ‘centralismo’ em movimento, por assim dizer, isto é, uma contínua adequação da organização ao movimento real, um modelo de equilibrar os impulsos a partir de baixo com o comandado pelo alto, uma contínua inserção dos elementos que brotam do mais fundo da massa na sólida moldura do aparelho de direção, que assegura a continuidade e a acumulação regular das experiências: ele é ‘orgânico’ porque leva em conta o movimento, que é o modo orgânico de revelação da realidade histórica, e não se enrijece mecanicamente na burocracia (...) nos partidos que representam grupos subalternos, o elemento da estabilidade é necessário para assegurar a hegemonia não a grupos privilegiados, mas aos elementos progressistas em relação às outras forças afins e aliadas, mas heterogêneas e oscilantes. (...) oferece uma fórmula elástica, que se presta a muitas encarnações” (GRAMSCI, 2007, p. 92).

Embora o *Que Fazer?* possa ser considerado uma obra básica para o entendimento de partido, portanto, não abarca o todo do pensamento leninista sobre o tema, uma vez que este texto fora escrito em 1902. Devemos grifar que Lênin procurou dar sucessivas respostas aos acontecimentos em curso na Rússia até a tomada do poder definitiva pelo soviets, em 1917. Justamente por esse motivo, as correntes marxistas buscou diálogo com outros autores posteriormente, a fim de buscar um aprimoramento dos conceitos com vistas a dar respostas às vicissitudes políticas impostas aos partidos comunistas. Contudo, registramos, os elementos necessários para o entendimento partidário, os quais foram aplicados pelos demais partidos marxistas, já encontravam-se inspirados nesta obra, como o modelo de partido de vanguarda e o centralismo-democrático e, principalmente difundido a partir da III Internacional. Ainda, segundo Johnstone, “é necessário lembrar que, sobretudo

até 1914, a atividade principal de Lênin fora dirigida (...) mais no sentido do desenvolvimento na Rússia de uma revolução democrático-burguesa do que uma revolução socialista” (1985, p. 120). Neste intercurso, a grande inflexão do pensamento dar-se-ia como reflexo do advento da I Guerra Mundial e, obviamente, dos próprios caminhos trilhados pela social-democracia russa a partir dos ventos liberalizantes de 1905.

Assim sendo, sem pretender dar conta de toda a extensa obra de Lênin convém registrar alguns elementos que melhor caracterizaram além do modelo de partido adotado, a evolução do pensamento teórico do autor no que concerne à tomada de poder pelos bolcheviques que servirão de inspiração para o marxismo internacional. No que tange a este ponto, não podemos deixar de salientar as *Teses de Abril*, de 1917, escritas no texto, *Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução* (1980), no qual Lênin lança o seu famoso argumento - *todo o poder aos soviets!*. As *Teses de Abril* caracterizavam a Rússia numa fase de transição entre a Revolução Burguesa e a proletária, que viria no momento em que os soviets resolvessem assumir todo o poder. Lenin preconizava a destruição do governo provisório, o desmantelamento do exército, a nacionalização das terras e dos bancos, o controle da produção pelos operários, o armamento geral do povo e uma nova Internacional. A tática dos bolcheviques consistiria em ganhar os soviets para estas posições. Forjava-se a palavra de ordem: “Todo o poder aos soviets”, considerados órgãos do poder operário e camponês. Os bolcheviques eram um partido pequeno, mas teriam, a partir de abril, uma linha política coerente (REIS FILHO, 1985, p. 51), face aos desdobramentos necessários no curso da política russa precedente a Revolução de Outubro.

Recuperando as referências marxianas da Comuna de Paris, Lenin trazia as seguintes características para a realidade da Rússia do período: “do ponto de vista da experiência concreta da revolução russa, sua originalidade consistiu em identificar nos conselhos (soviets) de trabalhadores, camponeses e soldados (...) o núcleo de estruturação do novo poder de tipo comunal” (FERNANDES, 2000, p. 183). Tais proposições e a palavra de ordem – “Todo o poder aos soviets” – foram incorporados programaticamente pelo partido bolchevique no contexto da vitória da Revolução de Outubro.



Vitoriosa, a Revolução de Outubro tornou-se um modelo para outras revoluções operárias e socialistas ao longo do século XX em várias partes do mundo. Contudo, as expectativas alimentadas por Lênin de que a revolução mundial não tardaria e viria em auxílio dos soviets não se confirmaram, justamente pelas derrotas das infrutíferas revoluções que vieram a seguir, por exemplo: a húngara (1919) e a revolução alemã entre 1919-1921. Depois destas derrotas, a Internacional Comunista se sentia impelida a fazer ajustes e buscar as respostas adequadas – objetivando salvaguarda-se, principalmente, em face das conjunturas que se impuseram frente a uma União Soviética acossada e sob escombros no pós I Guerra Mundial. Realçamos, sobretudo, que além das derrotas internacionais e o sufocamento das primeiras tentativas de revolução nos outros países da Europa que poderiam socorrer o nascente socialismo soviético, a jovem União Soviética ainda sofria os fortes impactos dos processos contrarrevolucionários internos e externos.<sup>2</sup>

Neste curto percurso entremeado por relativas vitórias e crises sucessivas, logo após a Revolução de Outubro, Lênin escreve, em 1920, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1978), apresentado às vésperas da realização do 2º Congresso da Internacional Comunista. Nesta obra, além de uma resposta aos desvios esquerdizantes dos partidos comunistas, também, exemplificava como lição aos outros países do mundo acerca do sucesso da transformação revolucionária conquistada pela Rússia, inspirando, portanto, o movimento operário em suas organizações: “Os operários evoluídos de todos os países já compreenderam isso (...). Daí a ‘significação’ internacional (no sentido estrito da palavra) do Poder Soviético e dos fundamentos da teoria e da tática bolcheviques” (LÊNIN, 1978, p. 10). Já, neste texto, exprime-se claramente a concentração de poder em torno do partido comunista:

---

<sup>2</sup> Segundo Vizentini: “A situação da Rússia soviética em 1921 era desesperadora. A produção alimentar representava apenas 40 % da de 1913 e a industrial encontrava-se em um quarto, atingindo apenas 15% na geração de eletricidade e 2,5% no setor de aço. A economia achava-se literalmente paralisada (...). A maior parte do parque industrial havia sido arrasada pela luta ou pela sabotagem (90% do território chegou a estar ocupado por forças estrangeiras e pela contrarrevolução). A fome atingia vastas regiões do país, causando sete milhões de mortes (...). A isto deve-se acrescentar os quatro milhões de mortos na I Guerra Mundial e um milhão na guerra civil” (1989, p. 62).

“A correlação entre chefes, partido, classes e massa e, ao mesmo tempo, atitude da ditadura do proletariado e de seu partido (...) apresenta-se entre nós, atualmente, da seguinte forma: a ditadura é exercida pelo Proletariado organizado nos Sovietes e dirigido pelo Partido Comunista Bolchevique (...). Receamos ampliar excessivamente o Partido porque os arrivistas e aventureiros, que nada merecem além de ser fuzilados, tendem inevitavelmente a infiltrar-se no partido governante. (...) Nenhuma questão importante, política ou de organização, é resolvida por qualquer instituição estatal de nossa República sem as diretrizes do Comitê Central do Partido” (*ibid.* p. 45-47).

Neste trecho da obra, Lênin tentava responder acerca da necessidade dos partidos comunistas atuarem nos sindicatos reacionários, mas o que torna importante retermos acerca deste trecho são os seguintes aspectos: 1) primeiramente, conforme já realçado, a ditadura exercida pelo proletariado organizado nos soviets, com direção do partido, justificado em face que a União Soviética vivia um comunismo de guerra, fustigada e acossada pelos inimigos; e, 2) ainda, o explícito receio de Lênin com o assalto do partido por oportunistas. Tais aspectos apontados, realmente, se mostraram futuramente um grande problema, não somente para a União Soviética, como também para os demais partidos marxista-leninistas que seguiram o mesmo modelo partidário inspirados por Lenin, principalmente a partir da III Internacional. Acerca da ditadura do proletariado, Lênin apresentava as seguintes considerações:

“(...) para permitir que o proletariado exerça acertada, eficaz e vitoriosamente sua função organizadora (que é sua função principal), são necessários uma centralização e uma disciplina severíssimas no partido político do proletariado. A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e as tradições da antiga sociedade. (...) Sem partido férreo e temperado na luta, sem um partido que goze da confiança de tudo que exista de honrado dentro da classe, sem um partido que saiba tomar o pulso do estado de espírito das massas e influir nele é impossível levar a cabo com êxito essa luta” (*ibid.*, p. 41-42).

Como podemos observar, a ditadura do proletariado atingia uma importância ímpar e; sendo que este patamar somente se chegaria através da

direção do partido para a condução efetiva da luta com êxito. Em síntese, seria necessário, portanto, uma total disciplina do proletariado para com o partido e a causa a ser cumprida através do centralismo democrático impulsionado pelo partido. Vejamos dois trechos que atestam esse foco: 1) quando Lênin faz as seguintes perguntas: “como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado? Como é ela comprovada? Como é fortalecida? Em primeiro lugar, pela consciência da vanguarda proletária e por sua fidelidade à revolução, por sua firmeza, seu espírito de sacrifício” (*ibid.*, p. 14); mais adiante, 2) enfatiza que “é necessário saber fazer todas as espécies de sacrifícios e transpor os maiores obstáculos para realizar uma propaganda e uma agitação sistemática, pertinaz, perseverante e paciente” (*ibid.*, p. 54). Ou seja, o objetivo é o exercício contínuo da vanguarda proletária nas hostes partidárias, enquanto corpo partidário, a fim dele tornar-se um revolucionário temperado na luta de classe – com sacrifícios, fidelidade e disciplina e com os exemplos a ser seguido como Marx, posteriormente, como o próprio Lênin e Stálin.

Retomando o conceito polissêmico de ditadura do proletariado, tão largamente referido e associado a Marx pelos partidos marxista-leninistas, devemos fazer uma ressalva e uma melhor interpretação teórica. Thamy Pogrebinschi em sua obra, *O enigma do político: Marx contra a política moderna* (2009), sublinha que o próprio Marx jamais definiu com clareza o conceito de ditadura do proletariado, assim como, a própria expressão foi empregada apenas poucas vezes em sua obra. Em síntese: “Marx lança mão da expressão ‘ditadura do proletariado’ só ao descrever o momento do processo revolucionário no qual o proletariado toma o poder”, ou seja, como uma passagem (POGREBINSCHI, 2009, p. 94).

### Reelaborações dos conceitos leninistas de partido

Torna-se importante explicitar acerca da bolchevização da teoria de Lênin, pois esta encontra o seu foco irradiador, principalmente, a partir da III Internacional, que nasce, entre outras razões, do próprio colapso da II Internacional e do apoio dos social-democratas a I Guerra Mundial. Sendo que o mais importante seria o desdobramento do sucesso da Revolução de Outubro,

cabendo a Lênin esboçar um novo tipo de partido em escala internacional (JOHNSTONE, 1988. p. 41). Para o conceito de bolchevização constroem o seguinte argumento, nas palavras de eminentes integrantes da III Internacional:

“Por bolchevização, entendemos a assimilação por parte dos partidos, daquilo que de significativo, de internacional, existe no bolchevismo, a que se referia o companheiro Lênin em Esquerdismo, doença infantil do comunismo. Por bolchevização dos partidos, entendemos (...) a pertinência e qualquer manobra estratégica na luta contra o inimigo, Bolchevização significa firme vontade de lutar pela hegemonia do proletariado, significa ódio ardente à burguesia, aos líderes contrarrevolucionários da social democracia, ao centrismo e aos centristas, aos semicentristas e pacifistas, a todos os abortos da ideologia burguesa. Bolchevização é a criação de uma organização compacta, monolítica e fortemente centralizada, que supera amigavelmente as divergências em suas filas, como nos ensinou o companheiro Lênin. Bolchevização é marxismo em ação, é dedicação à ideia da ditadura do proletariado à ideia do Leninismo” (ZINOVIEV *apud* HÁJEK, 1988 [1924], p. 198).

Ainda, buscando retomar o conceito de bolchevização, tão caro para esse partido comunistas, obviamente que após a morte de Lênin, em 1924, o conceito petrifica-se e torna-se extremamente robusto, adquirindo uma aura de guia e modelo único para a ação política, sendo o mesmo supervalorizado por Stálin aplicando não somente a III Internacional, como também a teoria leninista de partido e criando nas palavras de Hájek (*ibid.*, p. 218) uma situação paradoxal: “o regime interno da Internacional Comunista, que fazia referência à ideia leniniana, segundo a qual não há práxis revolucionária sem teoria, limitava ao mínimo a possibilidade de um pensamento político”. Segundo Hobsbawm, “a genialidade e profundidade da estratégia de Lênin e o êxito alcançado pelos bolcheviques em 1917 atuaram como freio para os subseqüentes desenvolvimentos teóricos” (*apud* AGOSTI, 1988, p. 139).

Portanto, não era de se surpreender que a construção leniniana de partido fosse ser engessada pela nova Internacional Comunista, se tornando – ao invés de ser uma teoria para a ação aplicada a cada realidade – na verdade um dogma

político leninista<sup>3</sup>. Neste processo, ao longo da década de 1920 e 1930, qualquer influxo teórico era secundarizado, empobrecendo, por ora, o pensamento marxista. No que concerne aos influxos teóricos recebidos pelos partidos marxistas, Cerroni (1982) pondera mais incisivamente, que não fora somente a influência do pensamento de Lênin sobre a obra de Marx o fator determinante para a consolidação do modelo aplicado pelos partidos marxista-leninistas, mas também, obviamente, o modelo partidário difundido por Stálin; acarretando, portanto, aos partidos comunistas o somatório destes dois modelos justapostos na sua configuração: 1) o partido de Lênin: neste modelo “Lênin atribui ao movimento do proletariado uma tarefa absolutamente inédita na história do movimento operário”, ou seja, a vanguarda sendo protagonista da história (CERRONI, 1982, p. 41) e, por fim, 2) o partido de Stálin: no qual, segundo Cerroni, Stálin “acrescentou um elemento teórico deformante, que elaborava o modelo do partido sem uma avaliação das condições históricas suficiente para impô-lo a todo o movimento comunista, independentemente das específicas condições históricas nacionais” (*ibid.*, p. 43). Ainda quanto ao partido de Stálin, vejamos o que o próprio estabelece:

“O partido comunista da União Soviética será a força guia e dirigente da sociedade soviética, o núcleo do seu sistema político e de todas as organizações estatais e sociais. O Partido Comunista determinará a perspectiva geral do desenvolvimento da sociedade e as linhas de política interna e externa da União Soviética, dirigirá a atividade criadora do povo soviético e dará um caráter planejado e científico à luta deste pela vitória do comunismo”. (STÁLIN *apud* FERNANDES, 2000. p. 192)

Dialogando, ainda a partir da obra de Lênin, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1978), ela também serve de inspiração para outra questão importante para os partidos marxista-leninistas: os conceitos de estratégia e

---

<sup>3</sup> Torna-se pertinente enfatizar que contraditoriamente para o próprio Lenin não existia uma concepção estática nem universal da organização, fato este que o preocupava muito nos últimos anos. Nas palavras de Johnstone: “No fim de sua vida, Lênin reconheceu que ‘o aparelho estatal’ soviético representa em máximo grau uma sobrevivência do aparelho passado e foi o que, menos do que outro, sofreu sérias modificações. Foi apenas polido na superfície, mas o resto permaneceu um típico resíduo do nosso velho aparelho estatal”. (JOHNSTONE, 1985, p. 138).

tática, amplamente delineados nesta sua obra na medida em que tentava demonstrar quais eram os reais inimigos da classe e como foi a condução tática para o sucesso da empreitada revolucionária. A respeito deste tema, citamos o didático livro de Marta Harnecker, *Estratégia e tática* (2003), baseado na análise dos textos de Lênin e nas suas tomadas de posição de acordo com o curso da luta empreendida pelos bolcheviques, e que apresenta os seguintes conceitos: 1) “a estratégia revolucionária determina o caminho geral pelo qual deve ser canalizada a luta de classes do proletariado para conseguir seu objetivo final: a derrota da burguesia e a implantação do comunismo” (HARNECKER, 2003, p. 80); e, 2) “a tática deve se adaptar a diversas situações (...) cada vez que surge uma nova conjuntura política, a tática deve responder com formas de organização e de luta apropriadas à nova situação” (*ibid.*, p. 134). Devemos salientar que, tanto a tática, quanto a estratégia, poderão ser de curto e longo prazo, respeitando as condições e os limites objetivos onde se dará a luta em curso. Nas palavras de Florestan Fernandes: “o partido revolucionário precisa comportar-se como uma vanguarda consciente, responsável e corajosa: cabe-lhe montar a tática e escolher as palavras de ordem ajustadas a cada situação” (1978, p. 38).

Quanto a tática e a estratégia adequada, convém realçar que a partir do III Congresso, o Comintern elaborou uma tática para os partidos comunistas objetivando ganhar a classe trabalhadora, obviamente que com esta tática tinham a pretensão de alinhar o movimento comunista, especialmente nos sindicatos, como bem formulara Lênin; principiando a formação efetiva das denominadas Frente Única. Nesta perspectiva, os diversos partidos comunistas surgidos após advento da Revolução de Outubro, temperado pelas derrotas do pós-guerra e acossados pelas inúmeras contrarrevoluções objetivaram, pela primeira vez, construir políticas táticas visando um trabalho real e em sintonia com a classe trabalhadora, também em face da correlação de forças adversas que se avizinhava na Europa, especialmente, no período entre guerras e pela emergência no nazifascismo. Desta feita houve o seguinte percurso: 1) a tese de Frente Única foi endossada no IV Congresso do Comintern no ano de 1924; e, 2) sendo retomada com vigor no VII Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1935. Ou seja, a partir dessa conjuntura política extremamente adversa que se avizinhava, especialmente pela subida ao poder de

Hitler, os comunistas empenharam-se, de fato, uma política de Frente Única: tática e estratégia que serviria de modelo inclusive para os demais partidos comunistas ao redor do mundo neste período.<sup>4</sup>

Dando continuidade acerca das noções mais aprimoradas de estratégia e tática, frequentemente adaptadas pelos partidos comunistas em seus programas e diretrizes políticas, citamos o texto de Stálin, *A questão da estratégia e da tática dos comunistas russos*, (1989), em que tece considerações a respeito da distinção destes dois elementos que se combinam mutuamente num processo de luta política. Tais argumentações e definições realizadas por Stálin tornaram-se importantes por motivos óbvios, uma vez que este foi o principal dirigente do PCUS e a sua palavra era a grande definidora das verdades para a grande maioria da seara marxista na primeira metade do século XX; portanto, uma das principais referências teóricas utilizadas por um longuíssimo tempo pelos comunistas no mundo.

Ainda, a concepção de Stálin torna-se importante, também, pelo caráter instrumental das suas explanações, de acordo com suas palavras: “O plano estratégico é o plano da organização do golpe decisivo” (Stálin, 1989, p. 21), ou seja, a transformação revolucionária através da tomada do Estado burguês. Quanto à tática, Stálin infere que esta é uma parte integrante da estratégia, conforme segue: “A missão mais importante da tática consiste em determinar os caminhos e os meios, as formas e os métodos de luta, que correspondam do melhor modo à situação concreta existente em determinado momento e que preparem de modo mais seguro os êxitos estratégicos” (*ibid.* p.23). Dando continuidade aos argumentos de Harnecker:

“A estratégia política implica um conhecimento das leis que regulam a luta de classes, de como uma classe se situa em relação a outras dependendo do grau de desenvolvimento do movimento revolucionário. Aproveitando esse conhecimento objetivo, o estrategista político é capaz de prever o curso que a luta de classes

---

<sup>4</sup> Torna-se pertinente registrar a importância dessa política de Frente Única no período e como foi fecunda para novas elaborações intelectuais e influências no corpo partidário, como pode ser visto na obra de Gramsci. Segundo Marcos Del Roio (2007): “A fórmula política da frente única foi a chave para que Gramsci não só traduzisse Lênin para a particularidade da Itália, mas que pudesse encontrar um novo lugar pra o campesinato na estratégia revolucionária” (DEL ROIO, 2007. p. 63).

possivelmente adotará, podendo, assim determinar qual o caminho a seguir para que essa luta consiga conquistar mais plenamente seus objetivos. Essa previsão é o fator subjetivo que intervém na direção estratégica. Nem sempre ele é aplicado ao pé da letra; a realidade é muito complexa e mutante; nela intervém, como um dos fatores difíceis de se prever, a estratégia do inimigo” (HARNECKER, 2003, p. 82).

A partir do exposto, a autora enfatiza que as formas de lutas a serem implementadas, primeiramente, devem ser criteriosamente analisadas na correlação de forças em que será empreendida a luta. Ainda, salienta que a correlação de forças não é estática, uma vez que a mesma vai depender dos avanços e recuos no transcurso do processo de transformação revolucionária que se pretender; podendo a mesma ser modificada na medida em que a revolução avança, demonstrando, assim, o sucesso de um polo político ou o fracasso de outro. Igualmente, realça que é no curso da luta a ser implementada que serão definidos os inimigos da classe; assim como os seus verdadeiros aliados - podendo estes ser verificados 1) nas adesões conquistadas pela política considerada como a mais avançada ou, 2) pelas defecções ocorridas para o campo do oponente. Tais elaborações acerca de tática e de estratégia serão extremamente relevantes, pois proporcionariam uma análise mais acurada da linha política adotada pelos partidos comunistas nos diferentes percursos da sua luta empreendida.

Quanto ao uso destes conceitos a partir da obra de Lênin, devemos fazer algumas observações elucidativas: 1) Tanto estratégia quanto a tática são previsões baseado no estudo da realidade projetando um porvir, esperando enquadrar politicamente a conjuntura de modo a extrair elementos que apontem o direcionamento político. Tais fatores implicam que os partidos comunistas façam, com um espaçamento de tempo regular, congressos partidários a fim de elaborar a linha tático-estratégica. 2) Nestes sentido, conforme referido, devemos salientar que estas posições táticas e estratégicas, concebidas cientificamente a partir de uma análise da realidade, se materializam nos programas partidários e teses congressuais, servindo assim, de instrumentos para o trabalho político dos dirigentes e das massas, os quais o partido pretende



galvanizar para as suas hostes<sup>5</sup>. 3) Ainda, embora extremamente elucidativos os exemplos apresentados por Harnecker baseados, principalmente, nas obras de Lênin, devemos, no entanto, ponderar e trazê-los para a realidade objetiva; com o intuito, justamente, de avaliar e interpretar as tomadas de posição dos partidos comunistas em suas diferentes diretrizes políticas à luz da política real em que eles se encontrarem inseridos. 4) Da mesma forma, devemos estar atento que a existência do partido, segundo a concepção marxista-leninista, serve como instrumento para uma transformação política esperada: a luta de classe; o que implicaria, portanto, para nós leitores em ponderarmos e não cairmos em leituras reificadas acerca da aplicação generalizada do conceito de estratégia e tática sem a análise acurada do meio, da realidade e, principalmente, dentro do seu momento histórico, como bem sublinhara Lênin.

## Conclusão

“Somente no quadro global de todo um conjunto social e estatal (e, frequentemente, também como interferências internacionais) é que resultará a história de um determinado partido, por isso, pode-se dizer que escrever a história de um partido significa nada mais que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque seu aspecto característico”. (Gramsci, 2007, p. 87)

Com o intuito de buscarmos as contribuições fundamentais de Lênin para o que se convencionou chamar de partido marxista-leninista, devemos realçar de acordo com o texto que as suas discussões expostas fora um construto baseado na análise empírica da realidade russa, através de um processo evolutivo e gestado teoricamente; desde um texto inicial como, *Que fazer?* no qual implicava a construção de um partido de vanguarda em face do déficit

---

<sup>5</sup> Quanto ao programa partidário, Cerroni, enfatiza o seguinte argumento: “(...) o programa deve funcionar como um programa vivo e operativo que capta a essencialidade da transformação prática e, por isso, também da organização. Por dois diferentes aspectos, tende assim a declinar, tanto por motivos ‘práticos’ como por motivos ‘teóricos’, a necessidade da cisão-contraposição entre o mundo das ideias e o mundo das ações, entre a teoria e a prática: a máquina política deve funcionar como se fosse as pernas do programa, enquanto o programa teórico-político não pode ser outra coisa que uma cabeça que se dá às pernas. Caso contrário, a prática política decai a mera força e a teoria política se volatiliza em mero doutrinário. (CERRONI, 1982, p. 36)

organizativo do POSDR; passando por uma tomada de posição revolucionária com total poder aos soviets em, *Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução*; até cristalizar-se já no formato conhecido da União Soviética, com a concentração de poderes pelo Comitê Central em, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Conforme exposto, essas obras são básicas para o entendimento didático da obra de Lênin e, principalmente, para a sua contribuição na análise partidária dos partidos comunistas. A obra de Lênin não se resume a esses três livros, justamente em face da grandiosidade do seu labor, mas esses três livros capturam o que foi instrumentalizado para a compreensão do modelo do que se convencionou denominar de partido marxista-leninista depois de sua morte.

Ainda, devemos enfatizar que Lênin foi o teórico que melhor soube caracterizar as preposições marxianas e instrumentalizá-las para a ação prática, justamente por esse feito entre a teoria e realidade, bem como pelo sucesso da Revolução de Outubro ele produziu as diretrizes para o modelo dos partidos comunistas, principalmente, a partir da III Internacional. Nesse momento ocorreu o chamado processo da bolchevização, assim como os próprios conceitos de Marx passaram a ser reelaborado de maneira mais dogmática, sendo este progressivamente engessado com a ascensão de Stálin ao poder, após a morte de Lenin. Esse modelo engessado serviria de parâmetro para os demais partidos comunistas que procuraram o “modelo leninista” por meio de uma adoção não ortodoxa do modelo de Stálin.

Nesse sentido, com o intuito de compreender os partidos comunistas dentro desta concepção partidária, torna-se importante retermos os seguintes aspectos apontados neste artigo, que serviriam de guia didático para a compreensão do modelo adotado de partido marxista-leninista: 1) dinâmica de partido de vanguarda – dependendo da correlação de forças – podendo ser clandestino e altamente profissionalizado; 2) a existência de um centralismo democrático coeso e acatado por todo o corpo partidário, justamente, com o intuito de dar o rumo da direção partidária a ser seguida e, no momento de severa adversidade, ser acatado sem questionamento; e, 3) a noção da tática e da estratégia cientificamente estudado e aplicada pela política dos partidos comunistas, em consonância com as conjunturas políticas nacionais e internacionais.

Tais elementos combinados serviriam para a continuidade e manutenção não somente do modelo de partido marxista-leninista aplicado a partir da III Internacional, mas também serviria fortemente como um polo dinamizador e produtor de valores de um *ethos* militante aos aderentes desse modelo partidário. Sem pretendermos polemizar, podemos verificar que após o fim da III Internacional as novas discussões teóricas emanaram de eminentes dissidentes do regime de Stálin, entre esses Trotsky; assim como emanavam da lucidez teórica de Gramsci, que encontrava-se preso e vindo a morrer no cárcere. No tocante a estes dois autores, torna-se importante o registro do impulso teórico dos mesmos, os quais serão valorizados com maior ênfase somente na segunda metade do século XX a partir de uma releitura das suas obras e, principalmente, do esgotamento do modelo partidário petrificado provindo do PCUS. Já, no caso do Brasil, apenas teremos uma recepção tardia destes autores no último quarto de século, mais detidamente, com a recepção de Gramsci na seara do Partido Comunista Brasileiro na década de 1980, vindo a modificar o pensamento partidário e influenciar o modelo de estrutura orgânica dos comunistas brasileiros. Realçamos a importância desses dois autores, justamente, em virtude do diálogo profícuo deles contribuindo com a herança do modelo partidário leninista; finalizando, reiteramos o quão proveitoso foi a contribuição desses dois autores no seio dos partidos comunistas, podendo, inclusive, servir como indicativo para estudos futuros acerca da influência deles no atual modelo dos partidos marxista-leninistas.

## Referências bibliográficas

- AGOSTI, A. O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”. In: HOBBSAWM, E. (org.), *História do marxismo*. O Marxismo na época da terceira internacional: Da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, v. VI
- CERRONI, U. *Teoria do partido político*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- DEL ROIO, M. Gramsci e a emancipação do subalterno. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 29, p. 63-78, 2007.
- FERNANDES, F. *Lênin: política*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1978.

- FERNANDES, L. *O Enigma do Socialismo real: Um balanço crítico das principais teorias marxista e Ocidentais*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 3
- HÁJEK, M. A bolchevização dos partidos comunistas. In: HOBBSAWM, E. (org.), *História do marxismo*. Marxismo na época da Terceira Internacional: Da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, v. VI
- HARNECKER, M. *Estratégia e tática*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2003
- JOHNSTONE, M. Lênin e a revolução. In: HOBBSAWM, E. (org.), *História do marxismo*. Vol. V. O Marxismo na época da terceira internacional: a Revolução de Outubro/o austromarxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, v. V, p. 113-142.
- \_\_\_\_\_. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda. In: Hobsbawm, E. (org.), *História do marxismo*. O Marxismo na época da terceira internacional: Da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, v. VI, p. 13-43.
- LÊNIN, V. I. *Opere complete*. Roma: Riuniti, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Símbolo. 1978.
- \_\_\_\_\_. Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento. In.: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, v. I.
- \_\_\_\_\_. As tarefas imediatas do poder soviético. In: Lênin, V. I. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, v. I.
- LUXEMBURGO, R. Questões de organização da social-democracia russa. In: Luxemburgo, R. *Centralismo democrático*. Lisboa: Centelha, 1979
- POGREBISNCHI, T. *O enigma do político: Marx contra a política moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- REIS FILHO, D. A. *Rússia (1917-1921): Anos vermelhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- STÁLIN, J. A questão da estratégia e da tática dos comunistas russos. In: Stálin, J. *Estratégia e tática*. São Paulo: Anita Garibaldi. 1989.
- VIZENTINI, P. G. F. *O socialismo num só país*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto. 1989.